

MARKOVÁ, Ivana.
Dialogicidade e representações sociais:
as dinâmicas da mente.
Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Nelza Mara Pallú *

Priscila Larocca **

Ivana Marková nasceu na Checoslováquia e reside no Reino Unido desde 1967. Leciona na Universidade de Stirling e coordena grupos internacionais de pesquisa no European Laboratory of Social Psychology na Maison des Sciences de l'Homme, em Paris. A autora participa também do Royal Society of Edinburgh e da British Psychological Society. Suas contribuições sobre a teoria das representações sociais apresentadas neste livro são frutos de discussões compartilhadas com Serge Moscovici, ao qual ela dedica sua admiração e agradecimento pelas inspirações que fundamentam os escritos nesta obra.

O livro *Dialogicality and Social Representations – The Dynamics of Mind* foi publicado em 2003. Sua versão portuguesa publicada em 2006, teve a tradução de Hélio Magri Filho com o título: *Dialogicidade e Representações Sociais: As dinâmicas da mente*. O livro contém 309 páginas, organizadas em 07 capítulos cada qual fundamentado pelas idéias do capítulo anterior, o que torna sua leitura fluída e coesa.

O livro de Ivana Marková é uma importante contribuição para a psicologia social, para as ciências humanas e sociais e para os estudos da comunicação. Pela primeira vez o conceito de dialogicidade é aplicado ao conhecimento social e à teoria das representações sociais de Moscovici, a qual lhe oferece a força conceitual para unir dialogicidade e pensamento, compondo a temática norteadora da obra.

Visando construir uma teoria do conhecimento social Marková apresenta sua hipótese de que o pensamento humano e a linguagem são gerados a partir da dialogicidade. O estudo da dialogicidade baseado na teoria das representações sociais pressupõe que o pensamento social e a linguagem são fenômenos em ritmo de mudança, e que os tipos diferentes de conhecimentos sociais coexistem na comunicação, e que, portanto, podendo servir a propósitos diferentes.

No capítulo 1, "*Mudanças: um problema epistemológico para a psicologia social*", a autora explicita a simetria entre os conceitos de estabilidade e mudança. Marková expressa sua preocupação sobre como, e de que maneira o trabalho do pesquisador é influenciado por pressuposições implícitas, que

não são compartilhadas pelas culturas, sociedades e tradições nas quais ele vive.

Analisando o efeito das pressuposições implícitas compartilhadas nas culturas sobre o pensamento e as teorias científicas, Marková utiliza a imagem de Nicolson (1950), do *círculo da perfeição*¹, utilizada desde a Antigüidade para representar Deus. Tal imagem por muito tempo dominou a ciência e os cientistas e resistiu a qualquer tentativa de destruição. A autora conta da dificuldade de Kepler, a quem se deve a descoberta do movimento orbital elíptico dos planetas, que inicialmente acreditava que esse movimento era circular. Assim também Darwin criador da teoria da evolução das espécies incluiu o Criador, Deus, em sua primeira hipótese. Concluiu a autora sobre isso que os velhos hábitos da mente são difíceis de mudar, devido a influências da cultura, da religião e da mitologia.

Nesse capítulo, a autora mostra como o conceito de conhecimento, desde a Grécia Antiga, tem sido determinado pela busca histórica e cultural pela estabilidade e pela certeza, e que, em contrapartida, pensamento e linguagem como fenômenos dinâmicos e em constante processo de mudanças, representam um problema epistemológico para a psicologia social. Esta problemática é, então, posta em discussão, análise e reflexão neste capítulo.

O capítulo 2, "*Pensamento e antinomia*," mostra que a idéia das antinomias (distinções, oposições, polaridades, pares de opostos) apesar de pouco valorizada na ciência e filosofia, tem existido em vários estilos e é fundamental para o pensamento e para a comunicação. Para a autora fazer distinções na vida, é uma capacidade exclusivamente humana essencial para a inteligência.

Mesmo tendo passado por momentos de distintas intensidades quanto ao interesse no tema, o fato de que fazer distinções, pensar em antinomias, oposições, polaridades e dualidades, bem como de expressá-las por meio da linguagem, vem sendo alvo do estudo acadêmico nas áreas da sociologia, psicologia social, psicologia de desenvolvimento e psicopatologia. Nesse processo, a teoria dialética de Hegel foi um marco, e a autora credits a este autor o pioneirismo de conceituar a idéia de antinomias em tensão no princípio dialético da contradição.

* Aluna do PPGE - UEPG. E-mail: nelzamara@gmail.com

** Professora do PPGE - UEPG. E-mail: priscilalarocca847@hotmail.com

Ivana Marková esclarece neste capítulo que embora enfatize o pensamento por oposições, não pretende negar outras formas de pensamento - como pensamento indutivo, dedutivo, científico, prático etc. Para ela, o pensamento em antinomias é uma ferramenta conceitual fundamental para desenvolver uma teoria do conhecimento social.

No capítulo 3, intitulado “*Lingüística e antinomias dialógicas*”, a autora explica que até o final do século 17, as investigações dos fenômenos da linguagem e da lingüística estavam mais preocupadas com as normas e as regras gramaticais, com a lógica e a retórica. Com o advento da ciência moderna, é que foi possível identificar muitos tipos de antinomias que têm interessado a filosofia da linguagem e aos estudos lingüísticos. A autora identifica e explica 4 tipos de antinomias explorados em linguagem:

1. Antinomias históricas / não-históricas nos trabalhos dos filósofos René Descartes e John Locke;
2. Antinomia social / individual nos trabalhos de Wilhelm Humboldt e de Ferdinand de Saussure;
3. Antinomias lingüísticas, particularmente a dialética da sincronia / diacronia a partir das contribuições de Vilém Mathesius, do Círculo Lingüístico de Praga, de Roman Jakobson e de Sergej Karcevskij;
4. Antinomia dialógicas, o Alter-Ego, o Eu-tu e as contribuições de Mikhail Bakhtin e Rosenzweig.

Encerrando este capítulo Marková conta que sua longa jornada em torno do título de seu livro, teve o objetivo de mostrar que a dialogicidade é a capacidade fundamental da mente humana em conceber, criar e comunicar as realidades sociais. Para a autora a antinomia *Alter-Ego*¹ é uma ontologia da comunicação e também uma ontologia da mente, concluindo daí que é a dialogicidade geradora dos diferentes tipos de pensamento e de comunicação, cuja expressão se dá como antinomia.

No complexo e sugestivo capítulo 4, “*Pensando pela boca*”, Marková expressa a intenção de unir pensamento e linguagem, apresentando de forma criativa a hipótese de que a dialogicidade é a característica ontológica da mente que concebe, cria e comunica as realidades sociais pelo mútuo engajamento do *Ego* e do *Alter*.

Esta característica dialógica normalmente gera tensões e conflitos entre parceiros que precisam negociar posições. A autora utiliza-se das paródias e das ironias para ilustrar esse tenso fenômeno comunicativo, e o potencial tanto aberto quanto oculto de interpretações. A variedade das situações nas quais o pensamento e a comunicação acontecem, produz a característica essencial da dialogicidade: sua natureza multifacetada, multivocal e polifásica.

Ainda neste capítulo, Marková confronta os termos *dialogicidade* e *dialética*, explicando que ambos foram utilizados pelo Círculo Bakhtiniano, por Voloshinov (1929/ 1973) e Medvedev (1934/ 1985) ao se referirem às antinomias e as oposições. Porém, hoje, o termo *dialogicidade* é usado de maneiras muito diferentes.

De acordo com algumas interpretações marxistas, dialética é uma ciência que permite estudar maneiras pelas quais a realidade se revela ou se apresenta na práxis e no pensamento crítico. De forma oposta, a dialogicidade não está preocupada com a lógica, com o movimento e a mudança no mundo físico e na natureza não-humana; mas sim com a existência humana, com a existência comunicativa. E é este o conceito de dialogicidade que a autora adota.

Segundo Marková, podemos inferir que a penetração da dialogicidade na linguagem habitual e no pensamento comum representa uma problemática para os defensores da objetividade lingüística. A autora define essa situação como tentativas de “des-dialogizar” a linguagem, ou seja, de livrar a linguagem de suas ambigüidades e de características polissêmicas, tornando-a neutra ou não-comunicativa, nos termos da autora, não-dialógica, em nome da objetividade, da ciência, da burocracia, da ideologia ou da moralidade.

Quando as palavras não expressam mais os significados pelos quais o locutor é responsável e se transformam em sinais de manipulação e obediência, elas se tornam a *linguagem do álibi*. Tal linguagem é concebida como um sistema de regras, informações e instruções: “faça isso”, “não faça aquilo”, “vire para a direita” etc. Essa é uma visão funcionalista da linguagem, utilizada para executar funções comunicativas repetitivas, o que resulta em uma linguagem “neutra”, sem julgamentos ou avaliações.

O ponto de vista de Ivana Marková é contrário a uma concepção não-dialógica na comunicação. Para ela, toda autoria demanda responsabilidade e compromisso do mensageiro, e, portanto, a perda do compromisso com as próprias palavras pode resultar na perda da identidade e da autenticidade.

O capítulo 5 “*Representações sociais: velhas e novas*”, introduz as teorias estáveis das representações coletivas do sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) em contraste com as teorias em movimento de Moscovici sobre as representações coletivas e sociais. Esse confronto visa demonstrar que as novas representações não podem ser explicadas somente pela recombinação de representações passadas, mas por meio do estudo das estruturas sociais. Enquanto Durkheim permaneceu estático em sua teoria das representações coletivas, Moscovici, contrariamente, desenvolveu a teoria das representações a partir do questionamento sobre como seria possível o conhecimento científico transformar-se em conhecimento espontâneo e comum. A autora explica que hoje em dia, a teoria das re-

¹ Alter-Ego: Outros-eu (o social e o indivíduo): refere-se à comunicação dentro e entre os grupos, subgrupos, comunidades, sociedades e cultura. (p. 134)

apresentações sociais de Moscovici permanece como uma teoria de conhecimento social, claramente fortalecida e estruturada numa epistemologia dialógica.

Hoje, defende Marková, fazer ciência sobre o pressuposto de que a realidade é algo estático não satisfaz mais as demandas sociais. Por isso, a importância de uma ciência preocupada com descon continuidades, desequilíbrios e relatividades.

Porém, Ivana Marková esclarece que a teoria das representações sociais e da comunicação estuda tipos específicos de representações. Ela estuda e constrói teorias a respeito daqueles fenômenos sociais que se tornaram, sem uma razão específica, de domínio público. Isso não quer dizer que “todas as coisas” são uma representação social. As representações sociais estão preocupadas com fenômenos especificamente definidos que precisam ser analiticamente descobertos.

Nesse sentido, Marková entende que as representações sociais de fenômenos específicos, enraizadas em práticas sociais e em discursos profissionais científicos, precisam ser extraídas, por métodos sociais científicos.

A autora encerra esse capítulo alertando os pesquisadores de que o trabalho de extrair representações sociais de uma variedade de fenômenos heterogêneos constitui e continuará constituindo um desafio para a teoria das representações sociais nos anos vindouros.

O capítulo 6 “*Tríade dialógica e processos de três componentes*” propõe refletir sobre como as epistemologias estáticas podem ser transformadas em epistemologias dinâmicas. A autora traz novamente a contribuição de Moscovici em sua proposta representada pelo triângulo semiótico dinâmico *Alter-Ego-Objeto*, compreendendo-o como uma unidade básica da teoria do conhecimento social.

Justificando que a magia do número três não vem somente dos contos de fadas, dos três desejos, dos três julgamentos e das três palavras surpresas, Marková argumenta que os modelos triádicos de tipos variados têm impregnado toda a história do ser humano em que existe uma relação conflitante entre dois componentes e com mais um terceiro. Das atividades de diferentes forças resulta uma tensão dialógica.

Segundo Marková, o conceito da tensão é indispensável na teoria de significado e de mudança de significado de Karcevskij, assim como na teoria dialógica de Rosenzweig e de Bakhtin, pois a tensão é a fonte da mudança dialógica. Seguindo este raciocínio, não pode haver comunicação alguma, a menos que os participantes se juntem pela tensão. É a partir da tensão que temos a *tríade dialógica*, ilustrativa da unidade dinâmica da teoria do conhecimento social. O *Alter-Ego-Objeto* de Moscovici representa a tríade semiótica dentro da qual os componentes estão internamente relacionados,

compondo um todo orgânico, não redutível às suas partes.

Os processos de três componentes são ilustrados em esferas diferentes do conhecimento social, tais como em um diálogo entre pessoas que apresentam problemas com a fala, entre pessoas que estão aprendendo uma língua estrangeira e em processos de influência social e criação de mudanças das normas estéticas nas artes.

No sétimo e último capítulo “*Entendendo themata e gerando representações sociais*”, Ivana Marková dedica sua atenção aos principais conceitos da teoria de representações sociais de Moscovici na atualidade: *themata* e *thematização*.

Conforme Marková, Serge Moscovici reconceituou a teoria das representações sociais e da comunicação em termos de *themata* e *thematização*. *Themata* são conceitos dialógicos que contribuem significativamente com o desenvolvimento da teoria das representações sociais, como uma teoria do conhecimento social. Este conceito mostra, explicitamente, o compromisso da teoria das representações sociais com a linguagem e a comunicação, bem como com as especificidades históricas do *Alter-Ego-Objeto* e suas dinâmicas.

Devido aos conteúdos estruturados das representações sociais serem gerados a partir de antinomias culturalmente compartilhadas que se transformaram em problemas, é neste ponto que as condições sociais observam que estas antinomias interdependentes ficaram *thematizadas* e começaram a gerar representações sociais. A autora exemplifica alguns tipos de *thematas* baseadas em antinomias interdependentes e que fazem parte do discurso público: comestível/ não comestível, liberdade/ opressão, justiça/ injustiça.

As representações sociais são *thematizadas* através dos gêneros da comunicação. A linguagem contida nestes gêneros desempenha um papel importante no contexto da invenção mística e na formação e manutenção das representações das pessoas a respeito de seu mundo social. Portanto, por trás dos gêneros está o nosso passado social compartilhado, bem como um enorme potencial aberto e ilimitado para novos questionamentos.

Ivana Marková, ao concluir o livro, explicita que a teoria das representações sociais, tal como utilizada hoje, possui dois significados distintos, embora interligados: é uma teoria do conhecimento social e, também, uma teoria que lida com o estudo e as explicações de fenômenos sociais específicos, que aparecem no discurso público. Estes dois significados interagem e se alimentam entre si, oferecendo muitas possibilidades para seu desenvolvimento teórico e para a criação de novas práticas sociais.

A teoria das representações sociais, como teoria do conhecimento social, define o campo da psicologia social. É uma força unificadora da disciplina. Essa teoria do conhecimento social é baseada na dialogicidade. O conhecimento dialógico, por sua

vez, é gerado a partir do processo da tríade *Alter-Ego-Objeto* em suas muitas manifestações dinâmicas.

Quando a teoria das representações sociais se refere ao estudo dos fenômenos que são tematizados no discurso público, ela se torna uma teoria entre as outras teorias psicológicas, que são baseadas nas representações sociais. O estudo dos aspectos lingüísticos da tematização, da polifasia no pensamento e no conhecimento, das explorações da fala e dos gêneros de comunicação, por exemplo, são apenas algumas das possibilidades de desenvolvimento da teoria.

Ivana Marková acredita que as representações sociais na sociedade são, talvez, melhor exploradas no discurso público; os fenômenos que são problemáticos aumentam a tensão e se tornam, portanto, assuntos que merecem debate. Se o pesquisador pretende estudar os fenômenos que não são relevantes às preocupações da sociedade atual, não encontrará representações sociais.

A psicologia social abrange uma gama enorme de fenômenos diversos e inesperados, que a tem transformado em um campo altamente heterogêneo, incluindo muitas áreas desconectadas. Como argumenta o escritor científico Mortin Hunt (1993), a psicologia social é tão fragmentada que acabou se tornando a “terra de ninguém”.

Os fenômenos sociais, alerta Marková, são multifacetados e prejudiciais à psicologia social se tentarmos homogeneizar as diversidades em favor de uma teoria unificada. As dinâmicas das ações sociais não podem ser compreendidas com base na pressuposição de fenômenos estáticos. Nós precisamos, ao invés disso, de uma teoria de conhecimento social que tenha o dinamismo como ponto de partida.

Finalmente, devido à sua preocupação com a construção de uma ciência voltada para o contexto social investigativo, e ao seu estilo coerente aliado à forma seqüencial pela qual a autora, utilizando não somente de teóricos consagrados, como também de exemplos práticos para a exposição de suas idéias, Ivana Marková, atinge seu objetivo neste livro, concretizando sua proposta de uma teoria do conhecimento social dialógica.